

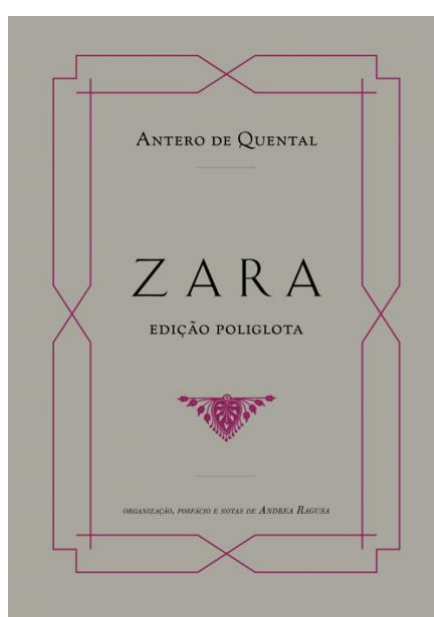
Antero de Quental. *Zara*. Edição poliglota. Organização, posfácio e notas de Andrea Ragusa. Edições do Saguão, 2022.

Maria Filomena Molder

Universidade Nova de Lisboa

mfmolder@gmail.com

ORCID: 0000-0002-4578-1301



Mal recebi o exemplar das mãos de Mariana Pinto dos Santos e de Rui Miguel Ribeiro, só pelo título fiquei com vontade de escrever sobre este singular livro e, depois de ler os versos do Antero e as tantas traduções, os três apêndices (o último com a reprodução da partitura de uma peça de Francisco Lacerda, *Epitaphio para uma criança*, inspirada no poema), o excelente posfácio e as instrutivas notas de Andrea Ragusa, responsável pela organização do volume, tudo isto incluindo as “Noterelle” de Emilio Teza (Apêndice primeiro), essa vontade cresceu. Agora, finalmente, encontrei a ocasião de o fazer, graças ao convite de Marta Pacheco Pinto, a partir das notas de que me servi para a conferência “Entreabrir uma porta, olhar e não olhar, ver e não ver”, proferida na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 24 de Maio de 2023, sob o signo de “Passagens — Transdução”. Agradeço a Andrea Ragusa a amável cedência electrónica de documentos preciosos para conhecer a vida de Joaquim de Araújo.

A 24 de Novembro de 1879 o pai de Joaquim de Araújo¹ dirige uma carta a Antero de Quental, anunciando-lhe a morte da filha, “irmã do seu amigo”, ocorrida na véspera, e pedindo-lhe que dê a notícia ao filho (indica a morada onde ele mora), pois não tem coragem para o fazer. Antero aceita o pedido e escreve ao amigo, reenviando-lhe a carta que o pai lhe havia enviado:

Acabo de receber esta carta de seu Pai, com uma notícia que lhe vai causar grande desgosto. O meu primeiro impulso foi i-lo procurar; mas reflecti que não o encontrava em casa. Resolvo-me pois a enviar-lhe a carta de seu Pai, sem poder juntar-lhe comentário algum consolador, pois sei por experiência que nos primeiros momentos não há consolações que valham contra dores d’esta natureza. Digo-lhe só que seja homem; e se a solidão lhe pesar muito, venha por cá, pois encontrará um amigo.

Parece-me que tudo parte de aqui, pois é muito provável que tenha sido a carta de Antero a fazer nascer em Joaquim de Araújo o desejo de ver a vida e a morte da sua amada irmã, Zara Margarida², cantada pelo poeta. Menos de dois meses depois, a 16 de Janeiro de 1880, Antero de Quental envia ao amigo, também por carta, o poema-epitáfio em memória de Zara³.

Mas, com isto, o título ainda não está suficientemente esclarecido. O que quer dizer *Edição poliglota*? No Posfácio de Andrea Ragusa, cujo título, “Poliglotismo finissecular”, não poderia ser mais instrutivo, é-nos mostrado como foi crucial o papel da tradução nos finais do século XIX, no caso em relação à cultura portuguesa, não só num sentido centrífugo, enquanto acesso a autores e culturas irradiantes na Europa, mas também correspondendo a um interesse crescente dessas culturas — em particular, a italiana, a alemã, a francesa e a castelhana — pela literatura e pelo pensamento crítico português. Antero de Quental é um dos autores mais salientes deste interesse, não só pelo seu vigor poético, como pela sua corajosa visão política, o que se mostra inequivocamente, no que se refere simultaneamente ao projecto (sem

¹ Escritor, nascido em Penafiel em 1858, grande impulsionador das letras em Portugal e grande divulgador da cultura portuguesa fora de Portugal, que em 1894 se tornou cônsul em Génova. A profunda admiração e a amizade por Antero de Quental (dezasseis anos mais novo) foram uma constante da sua vida. Numa carta a Teófilo de Braga, datada de 1908, lê-se: “Nunca houve contrato que eu fizesse em que eu não fosse roubado. E nunca tive um cão, nunca pedi dinheiro emprestado a ninguém senão a Antero, que me emprestou três libras, quando eu precisava de duas.” Joaquim de Araújo morrerá em 1917 na Casa de Saúde do Telhal em Rio de Mouro/Sintra, doente dos pulmões e afectado mentalmente.

² Zara Margarida nasceu a 4 de Maio de 1864 e morreu a 23 de Novembro de 1879.

³ Todas estas cartas fazem parte do Espólio de Joaquim de Araújo, depositado na Biblioteca Marciana de Veneza a conselho de Emilio Teza. Agradeço a Rui Miguel Ribeiro e, por seu intermédio, a Alicia Giroto.

programa) de uma “literatura europeia” e ao de um “federalismo *universal*”, na sua declaração “o único acto possível e lógico de verdadeiro patriotismo consiste em *renegar a nacionalidade*” (Antero *apud* 145).

É neste quadro que se deve entender a vontade de expandir, através da tradução, os versos de Antero sobre a irmã, por parte de Joaquim de Araújo. Alguns dos tradutores lêem, traduzem e correspondem-se com Antero de Quental, por exemplo, Wilhelm Storek e Tommaso Cannizzaro. Cria-se uma cadeia de tradutores amigos e conhecidos e, através destes, juntam-se outros, desconhecidos, que vertem para as suas línguas, idiomas e dialectos os versos de Antero⁴.

Tendo reunido nos anos que se seguiram 77 traduções⁵ — latim, italiano (7), siciliano, calabrês (tradutor anónimo), napolitano (tradutor anónimo), bolonhês, romanhol, veneziano, veronês, milanês (2), genovês (2), romanche, francês (9), wallon, bearnês, delfinês, provençal, catalão, maiorquino, castelhano (5), asturiano, mirandês, galego, romeno (2), polaco (2), boémio, russo, esloveno, eslovaco, croata, grego, albanês (tradutor anónimo), inglês (3), sueco (2), dinamarquês, norueguês, neerlandês (3), alemão (3), daco-saxónico, bretão, irlandês, daco-cigano (tradutor anónimo), hebraico, árabe, finlandês (2), húngaro e basco —, Joaquim de Araújo publicou-as em 1894 na Imprensa Nacional com o título *Zara. Edição polyglotta*, acrescidas de bibliografia e um prefácio, uma tábua dos idiomas e uma tábua dos tradutores, numa tiragem de 280 exemplares.

Na “Nota à presente edição”, que abre o volume de 2022, Andrea Ragusa traça o curso das sucessivas publicações do poema de Antero (Antero já se havia suicidado em 1891), algumas contendo as primeiras traduções (como é o caso das que apareceram entre 1893 e 1894 na revista *Nova Alvorada*⁶) até à *Edição poliglota* de 1894. Novas versões foram reunidas, integrando o volume *In memoriam — Antero de Quental*, saído no Porto em 1896 (notícia completa no Apêndice segundo, 131–138)⁷.

Um ano depois, é publicada em Génova uma *plaque* sob a responsabilidade do linguista, poliglota e tradutor italiano Emilio Teza, que recolhe 11 novas versões: latim, vicentino, sassarês (2), tempiese, gallurês, logurês, udinês, catalão, alguerês e hebraico, antecedidas por um extraordinário ensaio sobre a tendência do poliglota para a escuridão, com o título: “ZARA. Versos escritos por Antero de Quental — traduzidos por vários — Breves notas de E. Teza” (tradução de Rui Miguel Ribeiro), no qual se incluem ainda duas tentativas suas de tradução, uma em italiano, outra em veneziano. Essas “Noterelle” compõem o Apêndice primeiro (109–129).

Desde sempre que o mistério da multiplicidade das línguas me intrigou. Segundo Hermann Broch, a Torre de Babel não dá início à multiplicação das línguas,

⁴ É provável que Joaquim de Araújo se tenha inspirado na “segunda edição dos *Sonetos completos*”, organizada por Antero e publicada em 1890, com um “«apêndice de traduções que é quase uma Bíblia poliglota» [em carta], roçando as cinquenta versões” (Posfácio, 148).

⁵ Sigo a estimativa do próprio Teza, acrescentando o número de traduções na mesma língua, quando é o caso.

⁶ “[F]undada em Penafiel e publicada de 1891 a 1903, sendo dirigida por Sousa Fernandes e tendo por principal animador Joaquim de Araújo” (Posfácio, 151).

⁷ Embora em 1925 tenha saído uma segunda edição na Imprensa Nacional em tudo semelhante à primeira, excepto nalgumas decisões de ordem formal, Andrea Ragusa segue a edição de 1894. Entretanto, em 2016 foi publicado um *fac-simile* dessa edição pela Xunta da Galícia (Real Academia Galega).

mas à sua estranheza⁸ (a multiplicidade era já um dado, vazando-se as línguas umas nas outras espontaneamente). Se é uma maldição, uma vez que interrompe a tradução íntima, imediata, Babel é também uma graça, pois a estranheza recíproca traz consigo o desejo de recomeçar a tradução, uma das condições de possibilidade da existência de uma comunidade humana (Molder, 2021), e até o destino do poliglota, uma espécie de explorador dos tempos ante-babélicos, que, como Teza escreve, corre o risco de perder o dom da língua materna: “Seria tentado a afirmar que o poliglota é aquele homem que, no seu multilinguismo, perde a faculdade de pensar e dizer, com o vigor e a graça nativos, num só idioma” (111). E em relação à *Edição poliglota*: “[E]nchendo-me de coragem, julgaria que num livro, nascido ou tornado multilingue, se luz houvesse, se nublaria, e se escurecido, tornar-se-ia escuro como breu” (111). Ora, é esta luz nublada, esta luz obscurecida até se tornar breu, que ele ama, achando prazer em caminhar por entre as sombras⁹ “e descolorir as imagens, e repintá-las à nossa maneira: para que, em vez de se abrir uma porta dentro do cérebro dos escritores, se preferir entreabri-la, olhar e não olhar, ver e não ver” (111). É neste intervalo que o tradutor leva a cabo a sua tarefa, elevando a língua original, como diria Benjamin, para o plano da língua pura, a saber, a condição de possibilidade da reunião das múltiplas línguas.

Aliás, segundo Emilio Teza, as versões do poema de Antero são na maior parte tão leves e fugidias como as que passam “sobre a água” (21). E, no entanto, traduzir comporta tanto esforço, tanto conhecimento da mágoa, tanta atenção às “paixões da existência tumultuosa” (21). Porém, ainda há quem consiga converter a palavra derivada num corpo vivo que respira: “Ninguém ouve toda a verdade que está na poesia, quando esta não fala, com a sua própria voz, senão uma ou duas vezes em todo o livro: numa página ou duas, agitam-se corpos vivos que convidam, nas restantes, as sombras passam ao de leve e voam” (113).

Agora, finalmente, *No túmulo d’uma criança — Zara*, “oito versos da doce e triste canção de um português” (112) (ainda Teza, ao descrever o poema de Antero):

Feliz de quem passou, por entre a mágoa
E as paixões da existência tumultuosa,
Inconsciente como passa a rosa,
E leve¹⁰ como a sombra sobre a água.

Era-te a vida um sonho: indefinido
E ténue, mas suave e transparente.
Acordaste... sorriste... e vagamente
Continuaste o sonho interrompido. (21)

⁸ Aqui, será o lugar de dizer que não sei ler pelo menos 1/3 das traduções de *Zara. Edição poliglota*.

⁹ Parece-me que o olhar agudo de Emilio Teza se encaminha, benevolente, para os familiares, para os próximos (políglotas também), alguns já saudosos, um deles mesmo com melancolia, como é o caso do Prof. Andrea Pirona, que, ao enviar-lhe a sua tradução em udinês, escreveu: “Nunca na minha vida fiz nada.” Teza acrescenta: “Poucos dias depois, a morte levou-o definitivamente. Honra à sua memória.” A sua tradução dos versos de Quental sobre a menina morta parece ser, assim, a única coisa que Andrea Pirona fez em toda a sua vida, o único acto poético, por interposta pessoa. Em 1896, Joaquim de Araújo dedica-lhe a segunda edição da *plaquette*.

¹⁰ No último verso da 1.ª estrofe, Antero rasurou a palavra “leve”, que assim se destaca do conjunto.

Duas quadras de versos de dez sílabas com rima ABBA. Na primeira, o poeta leva a cabo, por assim dizer, os exercícios preparatórios que lhe permitirão na segunda estrofe tratar a menina por tu¹¹. A expressão “exercícios” deverá ser tomada à letra, pois Antero não sabe aquilo que está a dizer, exactamente o oposto da sua experiência de vida — “De que são feitos os mais belos dias?/De combates, de queixas, de terrores!/De que são feitos? de ilusões, de dores,/De misérias, de mágoas, de agonias!” (“Hino da manhã”); “Vi de que noite é feita a luz do dia!” (“A fada negra”) —, onde não há lugar para a inconsciência (da rosa) e a leveza (com que a sombra toca na água¹²), concedidas àquela que passa pela vida sem ser tocada pela mágoa e pelas “paixões da existência tumultuosa”, feliz. As sombras conhecidas de Antero são as dos “sós e encostados”, trazidos pela noite — “Como um bando de espectros lastimosos,/Como sombras correndo atrás d’um sonho...” (“Hino da manhã”) —, aqui ressoando o verso de Píndaro: “Sonho de uma sombra, o homem” (*Pítica* VIII).

Na segunda estrofe, o poeta dirige-se à menina, ao mesmo tempo que fala consigo mesmo: viver como a menina viveu equivale a um sonho: “Era-te a vida um sonho: indefinido/E ténue, mas suave e transparente.” Que a vida seja um sonho foi inúmeras vezes glosado nas culturas oriental e ocidental, desde os antigos Hindus a Buda, de Heraclito a Platão, a Descartes e a Schopenhauer. Antero de Quental não só conhecia essas tradições como compartilhava essa visão, cujas pedras-de-toque inúmeras caminham para a condenação da vida, um misto de ilusão e desespero. A morte é libertadora, mas estar vivo é já estar morto: ao apelo da noite que o convida a transpor “a dormir esses espaços”, sonhos feitos de luz e encanto, o poeta diz: “Fito-a com olhos turvos de quem dorme/E respondo: Bem sabes que estou morto!” (“Entre [as] sombras”). Eis o paradoxo invencível gerado pela coincidência entre viver e estar morto; ao mesmo tempo, a convicção de “Que sempre o mal pior é ter nascido!”¹³ (soneto “Melancolia”; Quental, 1984: 114).

Porém, naqueles últimos dois versos deparamos com um enigma que não coincide nem com o paradoxo nem com o pessimismo, e não é fácil de decifrar: “Acordaste... sorriste... e vagamente/Continuaste o sonho interrompido.” Emilio Teza também sentiu o deslizamento de terras contido nestes versos e tentou evitar os seus perigos: “Encerro com um provérbio árabe que não diz exactamente o que ele disse,

¹¹ Algumas traduções, entre as línguas que conheço e as que consigo intuir, não respeitam esta transição da 3.ª para a 1.ª pessoa, como é o caso do castelhano A.

¹² Claro que a água, onde se reflecte, fugaz, uma sombra, terá de ser quieta, um lago (castelhano B), melhor seria um tanque. Há vários tradutores que falam de ondas — “onda”, “onde”, “ondes”, “flutti”, “flots”, “wave”, “Wellen” — e de rio: “per amnem” (latim) (25); veronês (39); e mesmo de mar e oceano: “in simma ao má” (genovês) (42); “uondas del mer!” (romanche) (44); “sobre ‘l mar” (catalão) (58); nas duas versões em romeno (68, 69) e em inglês C (“ocean’s breast”) (81). Mas o mar é imenso e as sombras que nele cabem imensas são: as nuvens, as escarpas rochosas, os grandes barcos. Sim, as marés dificultam o trabalho às sombras leves ou à leveza das sombras fugidias.

¹³ Equivalente à resposta de Sileno, seguidor de Dioniso, a Midas que o perseguira para saber o que havia de melhor na vida humana: um rol sem fim de misérias e descontentamentos: “O melhor é para ti totalmente inatingível: não haver nascido, não ser, nada ser. Mas a segunda coisa melhor para ti é morrer em breve” (Nietzsche, 1997: 34, secção 3). Agradeço a Gianfranco Ferraro a cedência da sua introdução à tradução italiana dos ensaios de Antero de Quental (2021: vii–lxi). Nela o autor sublinha a solidão irredimível de Antero, qualificando-a de “inactualidade”, e desenvolve a ideia de que ele não está em condições de apresentar a sua própria filosofia a não ser através da poesia.

mas palavras que se assemelham às suas: a vida é um sono (NAUM) e a morte um despertar (YAQAZAT). Um sono profundo que não dá espaço para sonhar” (118).

O rigor interpretativo de Teza não poderia ser maior. Sim, embora se lhe assemelhe, o ditado árabe não diz exactamente o que dizem os versos portugueses: que a menina desperta do seu sonho, que era o seu viver, sorri e recomeça vagamente o sonho interrompido, como se a intensidade do sonho tivesse diminuído. Agora o sonho não terá fim, já não haverá outra interrupção, nem despertar, nem sorriso, e também nem rosa nem sombra leve a roçar a água.

Regresso à primeira estrofe através da segunda: a vida daquela menina era um sonho indefinido, *i.e.*, de contornos desfocados ou mal esboçados, no sentido em que não houve objectivos, finalidades programadas, inserção social, em suma, a menina não adere nem se opõe ao mundo. Um sonho indefinido e ténue (em conjugação com o modo inconsciente da rosa e a leveza da sombra que passa fugaz sobre a água), suave e transparente, o que ajuda a perceber o que entende o poeta por “indefinido”. Aqui, não tem lugar a opacidade nem o peso nem a escuridão.

Deste sonho, porém, faz parte o acordar e o sorrir por acordar, depois a menina continua o sonho interrompido, vagamente. Neste advérbio¹⁴ — usado várias vezes por Antero nos seus poemas, sonetos, em particular — está guardada uma chave para a relação entre a vida como sonho e a morte como retomar e adentrar-se no sonho interrompido; “vagamente” acentua que a morte é um sonho menos intenso, onde não haverá ocasião para despertar e sorrir. (Não será de mais sublinhar que Antero neste poema nunca utiliza a palavra “morte”¹⁵.)

Repetidas as leituras dos últimos versos de Antero, a sua estranheza salta cada vez mais à vista. Com a assistência das traduções, sobretudo àquelas (mencionadas em notas anteriores) que são já uma confissão da dificuldade de traduzir, em particular os dois últimos versos, e resultam numa interpretação que tenta vencer a dificuldade até ultrapassar a fidelidade ao que o poeta escreveu, recomeço: a morte prolonga a vida, faz parte dela, acordar e sorrir são actos da sonhadora enquanto morre, intuindo talvez o que é viver, o seu viver: um sonho, indefinido¹⁶. Em suma: acordar e sorrir negam que a vida seja um sonho e, ao mesmo tempo, confirmam a continuidade entre viver, um sonho, e morrer, o reatar vago do sonho interrompido pelo despertar dele. Mistérios da vida quando nos pomos a pensar nela e a confundimos com o sonho.

Não há propriamente oposição entre vida e morte, o modo de viver e de ver a vida da menina não o providencia (aqui, nem o dia se opõe à noite, nem o dia se parece com a mais negra noite).

¹⁴ Nas traduções ele é muitas vezes substituído por outros advérbios, por exemplo: “lentement” (francês B); “swiftly” (inglês A); “délícadamente” (sassarês B, *plaque*); “graciosamente” (alguerês, *plaque*), ou mesmo suprimido (italiano E; calabrés; napolitano; genovês; francês F; francês G; bearnês; castelhano C; alemão A; alemão B; alemão C; e ainda nas traduções de E. Teza: italiano e veneziano).

¹⁵ Só na tradução em calabrés (feita por um anónimo) ocorre a palavra “morte”. Também é a única versão que dispersa e multiplica em quatro as duas estrofes do poema. Numa das traduções francesas (francês E) fala-se em “trépas”.

¹⁶ Sim, é o sono de quem dorme, e não o sono acordado, não o “songe” que aparece em duas das traduções francesas.

Menina, tu acordas do sono–sonho (talvez ao mesmo tempo vontade de viver e saber da morte), sorris e vagamente continuas o sonho interrompido. Mas ela está morta, apetece-nos dizer.

Obras Citadas

- BENJAMIN, Walter (2015). “A tarefa do tradutor.” *Obras escolhidas de Walter Benjamin. Linguagem. Tradução. Literatura*, edição e tradução e de João Barrento. Assírio & Alvim, pp. 91–106.
- MOLDER, Maria Filomena (2021). “A interrupção catastrófica da tradução: a Torre de Babel.” *O absoluto que pertence à Terra*. Edições do Saguão, pp. 57–83.
- NIETZSCHE, Friedrich (1997). *O nascimento da tragédia, ou mundo grego e pessimismo*. Tradução, comentários e notas de Teresa R. Cadete e Helga Hoock Quadrado. Relógio D’Água.
- PÍNDARO (2006). *Odes píticas para os vencedores*. Tradução e notas de António de Castro Caeiro. Prime Books.
- QUENTAL, Antero de (c. 1880). Ms. “Entre sombras.” Biblioteca Nacional Digital, https://purl.pt/14355/1/obras/n48/n48_item11/P9.html.
- QUENTAL, Antero de (c. 1880). Ms. “Hino da manhã.” Biblioteca Nacional Digital, https://purl.pt/14355/1/obras/n48/n48_item11/P11.html.
- QUENTAL, Antero de (c. 1884). Ms. “A fada negra.” Biblioteca Nacional Digital, https://purl.pt/14355/1/obras/n48/n48_item59/index.html.
- QUENTAL, Antero de (1984). “Melancolia.” *Antero de Quental. Sonetos*, edição organizada, prefaciada e anotada por António Sérgio. 7.^a edição. Livraria Sá da Costa Editora, pp. 114.
- QUENTAL, Antero de (2021). *Saggi Filosofici*, edição de Andrea Ragusa, tradução de Giorgia Casara, Carla Deidda e Andrea Ragusa, introdução de Gianfranco Ferraro, com um ensaio de Eduardo Lourenço. Edizioni dell’Orso/Biblioteca Mediterranea.

Maria Filomena Molder é Professora Catedrática Emérita de Estética da Universidade Nova de Lisboa. Membro do Instituto de Filosofia da Linguagem (IFILNOVA). Escreve sobre problemas de estética, enquanto problemas de conhecimento e de linguagem, para revistas de filosofia, de literatura e de arte. Tem igualmente escrito para catálogos e outras publicações sobre arte e artistas. Publicou 12 livros em Portugal e 3 no Brasil. Últimas publicações: *O absoluto que pertence à Terra* (Edições do Saguão, Lisboa, 2020) — Prémio de ensaio Jacinto do Prado Coelho 2021; *Três conferências I — Lança o teu pão sobre as águas* (Edições do Saguão, Lisboa, 2021); *Palavras aladas. Conversas em torno do desenho com Cristina Robalo* (Documenta, Lisboa, 2022).

© 2023 Maria Filomena Molder

Licensed under the [Creative Commons Attribution 4.0 International \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).